EU E A LEI DA ATRAÇÃO

Duas histórias reais.
Uma reflexão sobre como os pensamentos influenciam as escolhas e os caminhos da vida.

Você atrai o que pensa.

SEUS PENSAMENTOS SÃO MAGNÉTICOS.

JOFRE MARTINS

EU E A LEI DA ATRAÇÃO

Duas histórias reais. Uma reflexão sobre como os pensamentos influenciam as escolhas e os caminhos da vida.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio sem autorização prévia do autor.

Este e-book tem caráter reflexivo e foi escrito com base em experiências pessoais e observações do autor.

JOFRE MARTINS
Sumbe – Angola

© 2026 – Todos os direitos reservados.

INTRODUÇÃO

Durante anos, vivi preso às ideologias que me foram incutidas. Acreditava que o esforço físico era a única força necessária para alcançar qualquer objetivo — fosse conquistar metas, atrair pessoas, circunstâncias ou eventos.

Até ao dia em que algo começou a mudar tudo.

Sou Leví, e esta é a minha história com a Lei da Atração.

PRIMEIRA HISTÓRIA

(*O dinheiro que surgiu no momento certo*)

Alguns anos atrás, após ter abandonado o emprego por questões de saúde, a minha vida entrou numa fase de incerteza. Foi nesse período que comecei a questionar tudo aquilo em que acreditava sobre trabalho, sucesso e destino.

Pela primeira vez, senti que não bastava apenas "fazer mais" — havia algo mais profundo a influenciar os resultados da minha vida. Não sabia explicar aquela inquietação que me martirizava.

Pensava:

"Já não fui bem nos estudos e perco todas as oportunidades de obter uma formação profissional. O que farei da vida?"

Naquele tempo, eu não entendia que, quanto mais me preocupava com o amanhã e mais lamentava por dentro, mais parecia atrair situações desagradáveis no meu dia a dia.

Em certa altura, a minha vida parecia disfuncional. Passava horas e horas na cama a pensar no que iria fazer, mesmo sabendo que não tinha nada concreto que pudesse mudar aquela situação naquele momento.

Dos amigos que tinha, o Gomes e o Lázaro eram os que mais se solidarizavam comigo e conseguiam tirar-me de casa de vez em quando.

Com 19 anos, a caminho dos 20, dois irmãos mais novos, pais distantes e sem emprego, a minha vida era um verdadeiro sinónimo de "Deus me acuda".

O Gomes era aquele amigo que vivia com os pais e era super focado nos estudos. Em casa, às vezes faltava o básico, mas ele mantinha-se firme. Era, naquela altura, a pessoa certa para partilharmos as vicissitudes da vida sempre que tínhamos oportunidade de estar juntos.

O Lázaro, por sua vez, vivia tranquilamente com o irmão mais velho, sem

muitas queixas apesar das dificuldades. Além de estudante, também fazia alguns biscates que lhe rendiam algum dinheiro aos fins de semana. Costumava convidar-me para sairmos, irmos à praia ou a lugares com maior concentração de pessoas — algo de que eu normalmente não gostava, mas aceitava como forma de descontrair.

Para o Lázaro, no entanto, isso era uma forma de conhecer novas pessoas, fazer contactos e aumentar o seu network.

Numa bela segunda-feira, o Lázaro chegou em casa aos gritos, com um ar de felizardo, como se tivesse acabado de ganhar milhões na Lotaria Nacional.

— Leví! Leví! Sai dessa cama, rapaz! Tenho notícias frescas para ti! Eu sou o cara!

Deitado, olhando para o teto, pensei comigo mesmo:

“Gosto desse cara… mas hoje só queria ficar sozinho, tentando encontrar uma forma de escapar da vida que levo.”

Ainda assim, levantei-me e perguntei:

— Então, irmão… arranjaste algum emprego para mim?

Ele soltou uma gargalhada.

— Não! É sobre uma miúda. Lembras daquela jovem magra e alta que encontrei na marginal? A que disse chamar-se Magna?

— Na verdade, não lembro muito bem… mas continua — respondi, fixando os olhos nos dele.

— Aceitou sair comigo! — disse ele, sorrindo como uma criança.

Olhei para ele sem entusiasmo.

— E isso são as notícias frescas?

— Claro! — respondeu animado. — Para perceberes que conhecer pessoas novas faz bem. Amanhã saímos, depois de amanhã estamos a namorar… assim é a vida. E tu? Não queres conhecer ninguém?

Suspirei antes de responder:

— Eu só queria encontrar uma forma de ajudar os meus irmãos.

O sorriso dele diminuiu.

— Tu não gostas de sair à procura de emprego… e, verdade seja dita, nesta cidade conseguir trabalho não é fácil. Mas já que passas tanto tempo a pensar… pelo menos pensa em coisas boas.

Aquelas últimas palavras atingiram-me de uma forma estranha.

Foi como um despertar interno.

Uma sensação intensa percorreu-me o corpo, como se algo tivesse sido desbloqueado dentro da minha mente. Pela primeira vez em muito tempo, senti-me desperto por dentro.

Olhei fixamente para ele e disse:

— Podes deixar-me sozinho?

— Vais voltar a deitar? — perguntou, indignado.

— Sim… mas desta vez não vou pensar nas mesmas coisas de sempre. Vou começar a pensar em coisas boas da vida.

Disse aquilo com firmeza.

E foi aí que tudo começou a mudar.

Depois que ele saiu, voltei para o quarto e deitei-me novamente. Fechei os olhos e comecei a imaginar uma vida diferente daquela que eu vivia.

Via-me em paz.

Via comida sobre a mesa, segurança, tranquilidade e saúde. Via os meus irmãos felizes. Às vezes imaginava-me ao lado de uma mulher madura, compreensiva, alguém que me transmitisse calma e nunca me deixasse afundar na tristeza.

Sem perceber, comecei a sonhar acordado.

As imagens tornavam-se tão reais que, durante alguns instantes, parecia que eu realmente estava a viver tudo aquilo.

Acabei por adormecer.

Horas depois, ouvi batidas na porta.

— Leví! — era Mira, a minha irmã mais nova.

Despertei lentamente, sentei-me na cama e fiquei em silêncio por alguns segundos.

Então perguntei a mim mesmo:

“Uau… o que foi que aconteceu aqui?”

Eu tinha gostado daquela sensação.

Parecia que, por alguns momentos, tinha vivido exatamente a vida que desejava viver na realidade.

E naquele instante tomei uma decisão silenciosa:

“De hoje em diante será assim. Já que não posso viver essas maravilhas na vida real… vou vivê-las na minha mente.”

O que eu não sabia era que aquilo começaria a mudar a minha realidade.

Todas as noites, antes de dormir, mergulhava naquele universo imaginário. E ao acordar, fazia o mesmo.

Os dias iam passando, e aquela tornou-se a minha rotina.

Eu estava mais animado.

Passei a sorrir mais.

Era como se tivesse descoberto outra forma de existir.

E aquilo era viciante.

Quanto mais vivia dentro da minha mente, mais longe eu ia.

No início, apenas me via feliz ao lado dos meus irmãos, com comida, roupas e dignidade. Depois comecei a imaginar-me com dinheiro suficiente para comprar o que precisávamos, caminhando pelas ruas com confiança e sentindo uma felicidade genuína.

Eu não sabia explicar… mas alguma coisa dentro de mim estava a mudar.

E, pouco a pouco, o mundo à minha volta também começou a mudar.

Passei a cruzar com pessoas diferentes. Situações favoráveis começaram a surgir. Pequenas coincidências aconteciam com uma frequência quase assustadora.

Ficava maravilhado, sem perceber que a minha forma de pensar estava a moldar a maneira como eu via — e talvez até atraía — a realidade.

O tempo passou.

Até que, certo dia, comentei numa publicação do Facebook feita por um

homem influente ligado ao ramo musical. O debate era sobre:

“A importância de elevar o mainstream sem matar o rap underground.”

Não mencionei antes, mas eu fazia rap.

Durante muito tempo, acreditei que tinha nascido com algum tipo de talento artístico. Entre atuar e fazer música, escolhi a música. Escrevia sobre a realidade, problemas sociais, sonhos e injustiças… era esse o tipo de arte que fazia sentido para mim.

Durante algum tempo lutei verdadeiramente por isso.

Mas os caminhos pareciam sempre fechados.

As portas nunca se abriam.

E, cansado de lutar contra paredes invisíveis, abandonei a música. Convenci-me de que nunca chegaria a lugar nenhum.

Talvez tenha desistido cedo demais.

Ou talvez estivesse apenas cansado de perder.

No debate daquela publicação, deixei alguns comentários. Nada extraordinário. Apenas escrevi aquilo que pensava.

Mas, inesperadamente, o homem leu as minhas intervenções.

Pouco depois, recebi uma mensagem no privado.

— Leví, como vai? Ainda continuas ativo?

— Kota, bom dia! Que honra receber a sua mensagem. Não, já não estou ligado à música há algum tempo.

— Que pena. Tu cantavas bem. Ouvi muito uma das tuas músicas,

intitulada “Bloqueio”.

— Sério? Que honra!

— Então, o que andas a fazer, já que abandonaste a música?

— Nada demais, kota. Estamos apenas aqui a tentar encontrar uma forma de sobreviver, sem uma visão clara do futuro.

— Não digas isso. Ainda há tempo de te tornares uma referência artística no país.

— Bem que eu gostaria de acreditar nisso.

— E o que realmente tens pensado em fazer?

— Na verdade, tenho pensado em várias coisas e, no final de cada pensamento, acabo por não chegar a nenhuma conclusão.

— Ok. Assim que concluíres, diz alguma coisa.

Fiquei pasmado. Não soube como encerrar aquela conversa. Estava feliz e confuso ao mesmo tempo.

Era alguém que eu nunca tinha visto pessoalmente e, naquela conversa, tudo parecia estar em aberto: música, emprego ou negócio.

“Agora a responsabilidade é minha. O que faço? No que devo pensar? Música, emprego ou negócio?”, pensei.

Durante algum tempo, bloqueei os pensamentos agradáveis que tinha sobre abundância e prosperidade. Passei a pensar apenas no que fazer. Era como se tivesse chegado a um cruzamento com várias direções possíveis, sem saber qual delas levaria ao destino certo.

“Música, emprego ou negócio?” pensei.

“Música, emprego ou negócio!”, repeti novamente.

Aos poucos, esse pensamento tornou-se dominante.

“Será que falo com o Gomes e o Lázaro? Será que peço a opinião deles? Não… eles podem desmotivar-me, dizendo que é um erro ou mais um ‘bungle bang’ à vista. Ou podem até ajudar-me a escolher o caminho errado.

Se eu escolher a música, ele poderá ajudar-me — é influente — mas nada garante que terei sucesso. Afinal, ele não é tão poderoso ao ponto de fazer com que as minhas músicas passem nas rádios ou na televisão. Eu só sei falar sobre questões sociais. Posso dar-me mal.

Emprego, será?”

Se aquilo fosse realmente uma oportunidade, a música não parecia uma boa ideia, pelas razões já mencionadas. Emprego também não. Afinal, eu não tinha formação técnica e nem sequer tinha concluído o ensino médio. Eu até poderia conseguir um emprego, mas como?

Não.

Descartei as duas primeiras opções e fiquei apenas com a última.

O problema é que eu nunca tinha criado um negócio. Não tinha ideias, visão nem estratégias de negócio. Na verdade, se nem sequer tinha ideias de negócio, quanto mais estratégias…

Voltei ao Facebook para fechar a conversa.

— Certo, kota. Tão logo tenha uma ideia, apresentarei rapidamente.

Ele não abriu a mensagem. Esperava um “Está bem puto, estarei à espera”.

Ficou em silêncio por alguns dias. Durante esse tempo, comecei a alimentar a ideia de que poderia ter sido enganado. Afinal, é comum ouvir relatos de

pessoas que recebem promessas num dia e são esquecidas no outro.

Mas digo “alguns dias” porque, enquanto tinha decidido seguir com o negócio, ainda não tinha pensado no tipo de negócio.

Num momento inesperado, ele escreveu:

— Leví, tranquilo puto?

Foi como se tivesse recebido um aumento salarial espontâneo.

“Ele é sério… ele estava a falar a sério”, pensei, enquanto respirava de alívio.

— Kota, tudo certo por aqui. E do lado do kota? — respondi sorridente.

— Está calmo. E então, já pensaste em algo?

Agora não sabia como responder. Se dissesse “sim, já pensei em algo”, ele iria querer saber exatamente o quê. Mas, na verdade, eu apenas tinha pensado em “negócio”, não num tipo específico de negócio.

— Já, kota. Estou a pensar em negócios — respondi confiante.

— Muito bom. Os maiores ricos do mundo são empresários. O teu pensamento é bom. Que tipo de negócio? Para ver se dou um empurrão.

Não sabia qual era o tipo de negócio, então não tinha como responder. Rapidamente marquei a mensagem como não lida e saí do Facebook.

“Agora faço o quê?”, pensei.

Não parava de pensar no que comprar e vender. Afinal, negócio é comprar e vender algo. Mesmo assim, falar naquele momento seria arriscado, porque eu já imaginava a próxima pergunta dele: quanto seria necessário para começar?

E eu não saberia responder. Isso poderia custar caro — muito caro.

Preferi ficar em silêncio enquanto tentava descobrir o tipo de negócio.

Não demorou muito até que a ideia surgisse. Foi mais fácil do que decidir entre música, emprego ou negócio. E, como já conhecia pessoas envolvidas em negócios, decidi perguntar-lhes o que fariam se tivessem pelo menos 30.000,00 Kz. As respostas ajudariam a clarear melhor a ideia.

Foi o que fiz no dia seguinte.

Não revelei de imediato o tipo de negócio, pois ainda estava a organizar melhor a ideia.

Na verdade, pensei em comprar produtos plásticos na cidade e trocá-los por produtos do campo, nos kimbos onde os meus pais moravam.

O plano era simples: comprar pratos, copos, bacias, baldes, garfos, colheres, entre outros, e levar para as zonas rurais para trocar por milho, feijão ou ginguba. Depois, trazer os produtos para vender em Benguela ou Luanda.

Sem rodeios, voltei ao Facebook para responder à questão que tinha ficado pendente.

— Perdão a demora, kota. Para começar seriam necessários 30.000 Kz.

— Queres dizer 30.000,00 Kz?

— Exatamente, kota.

— Estás a brincar, não? Que tipo de negócio se começa com apenas 30 mil?

— Penso em comprar plásticos como pratos, tigelas, baldes, etc., e levar para as zonas onde os meus pais vivem para trocar por produtos do campo.

— Interessante, mas 30 mil é pouco. Se achas que é suficiente, tudo bem. Vou mandar 55.000,00 Kz e vê o que podes fazer.

Fiquei perplexo. Não consigo explicar exatamente como me senti. A minha vibração estava tão alta que, por momentos, sentia-me quase um ser divinal (sem exagero).

“Não acredito que isto esteja a acontecer… como é possível? Eu nem o conheço”, pensei.

Dias, semanas e meses passaram. Fui dando continuidade ao negócio e, sim, saí do zero. Já não passávamos fome e, além de comida, também conseguíamos comprar algumas peças de roupa e ter algum dinheiro no bolso quando o Lázaro me levava para aquelas saídas em busca de networking.

SEGUNDA HISTÓRIA

(*A pessoa que surgiu depois dos meus pensamentos*)

Era um dia comum, uma manhã ensolarada. Estava sentado numa cadeira improvisada, em condições simples, a conversar com Dalton. Dalton era um jovem com quem me tornei amigo após ele se mudar para o meu bairro. Gostava de filosofar e não rejeitava nenhum tema. Pessoas próximas, inclusive eu, às vezes o chamavam de "Explorador de assuntos", porque ele conseguia entrar e se enquadrar em qualquer conversa.

Naquela manhã, falávamos sobre a situação do país. Era um ano eleitoral, e em períodos assim torna-se natural falar de políticos e das suas políticas.

Dalton, pela inteligência que carregava, frequentemente era solicitado por jovens mulheres para ajudá-las com questões pessoais, sejam ligadas aos estudos ou relacionamentos. Isso fazia com que muitas acabassem atraídas por ele. E ele, como homem que era, não perdia oportunidades quando surgia uma brecha.

Enquanto conversávamos, num momento em que ele mesmo conduzia a palavra — afinal, era um jovem diferente da maioria, falava muito e, em grande parte, dizia coisas que valia a pena guardar — recebeu uma chamada. Era uma tal de Isaura, que morava a duas ruas da minha casa. Eu, por acaso, conhecia-a.

Isaura era uma jovem muito educada, religiosa, linda, com um corpo robusto e atraente. Tinha uma presença marcante e uma voz cativante, capaz de chamar atenção de qualquer um que a visse.

Após a chamada, questionei:

— O que tens com essa mina?

— O que achas? — respondeu ele.

— Não se responde pergunta com pergunta. Não sendo burro, já devias saber disso.

— Não te irrites, estás curioso, não é?

— Filho da… vais responder ou não?

— Ela é boa, não é? Agora imagina-a nua.

Minha mente parou por um instante. Já tinha, no passado, criado algumas ideias em relação a ela. Mas, como se sabe, mulheres muito abertas e interativas são difíceis de conquistar.

Com as palavras do Dalton, cheguei a pensar que Isaura já tivesse passado por ele — e, pior, acabei por acreditar nisso. E o pior é que ele ainda sorria enquanto falava. Isso só aumentou a minha curiosidade. Apesar da suposição, suposição não é certeza.

— Responde logo: ela é linda, corpo esbelto, pele lisa… mas o que tens com ela?

— Já transámos algumas vezes.

— E você fala disso com tanta normalidade?

Achei estranha a forma como ele dizia aquilo. Afinal, eu tinha-me separado há pouco tempo e não era do tipo que saía a envolver-se com outras mulheres imediatamente. Não por fidelidade às parceiras, mas por uma característica minha: preferia sempre encerrar um ciclo antes de iniciar outro.

Naqueles dias, não posso dizer que sofria por amor, mas sentia o peso do término. Estava também um pouco preguiçoso para conhecer alguém novo. Como já disse, em algum momento cheguei a sentir atração pela Isaura — coisas do passado.

O problema, naquele momento, era o Dalton. Ele tinha um relacionamento assumido com duas jovens e ainda assim envolvia-se em qualquer situação, desde que houvesse oportunidade.

Não era só isso. A forma como ele levava a vida amorosa era exatamente como ele admirava a minha, e por isso não se cansava de repetir:

— Tu precisas de ter várias para não ficares sozinho. Terminaste com a Bela, com quem tinhas um relacionamento assumido? Ok, agora assume a Fernanda, com quem tinhas algo mais discreto. É assim que muitos fazem, é assim que eu faço, é assim que os homens deviam fazer.

E sempre que dizia isso, eu respondia:

— É o teu ponto de vista, respeito, mas vejo as coisas de outra forma.

Dalton, em tom de brincadeira, fazia-me parecer fraco nesse campo. Em contrapartida, sempre que lhe apresentava uma namorada, ele interagia com ela e depois dizia: "És o cara".

Nunca quis que isso fosse diferente. Por isso, dava tempo para limpar a mente sempre que uma relação terminava. Isso ajudava-me a escolher com mais clareza, e sempre funcionou bem.

Com o tempo, comecei a sentir necessidade de ter uma namorada. Em vez de ir atrás de alguém, todas as noites, antes de dormir, imaginava o tipo de mulher que gostaria de ter, a forma como queria que a relação fosse, como gostaria de ser tratado e como gostaria de cuidar dela.

Fazia isso dia após dia, sem pressão. Era um hábito. Não vivia ansioso à procura de alguém no dia seguinte. Era apenas uma forma de acalmar essa necessidade — embora, no fundo, soubesse que esse pensamento constante poderia, um dia, atrair alguém.

E foi assim até o dia em que tudo começou a se materializar.

Não me lembro qual era o dia da semana. Saía dos afazeres em direção a casa. Normalmente apanhava táxi, mas naquele dia decidi caminhar. Coloquei os fones de ouvido e comecei a andar, ouvindo "Lisboa", de Valete.

Fui caminhando, passo a passo, até chegar a um ponto onde precisava atravessar a estrada. Por causa dos fones, não ouvi quando alguém atrás de mim chamava:

— Moço… moço… moço.

Parado, à espera que o trânsito reduzisse para me dar espaço para atravessar, senti algo bater-me nas costas — como uma pequena pedrinha. Virei-me e vi uma jovem sentada em cima de uma mala de viagem.

Retirei os fones. Antes mesmo que eu abrisse a boca, ela gritou:

— Por acaso és surdo? Boa tarde ainda!

— Não, não sou surdo. Boa tarde! — respondi, meio atrapalhado, porque enquanto eu falava, ela já se levantava e caminhava na minha direção.

Era uma jovem magrinha, alguns centímetros mais alta do que eu. Tinha uma cintura fina e um olhar penetrante. Visualmente, parecia ainda mais bonita e mais atraente do que a minha "namorada imaginária". Confesso que, quando chegou perto de mim, por alguns segundos perdi a respiração e o meu corpo tremeu.

— Gritei-te mais de duas vezes: moço, moço, moço… e tu nada.

— Estava a ouvir música, perdão.

— Não faz mal. Olha, preciso da tua ajuda, por favor. Não sou daqui, mas o autocarro deixou-me aqui. Na verdade, errei a paragem. Há mais de 10 anos que não venho cá… tudo mudou.

— Eu estou cá há mais de 10 anos, as paragens continuam as mesmas — menti. Na verdade, estava há menos de 5 anos na cidade.

— Estás a chamar-me mentirosa?

— Não, não é isso…

— Não faz mal. Podes dizer-me como chego ao centro da cidade?

— Pelo que entendi, conhecias a cidade… só paraste no ponto errado. Como é que agora não sabes como chegar ao centro?

— Bem… na verdade saí daqui quando tinha 10 anos. Não há 10 anos.

— Estás a revelar-te mentirosa — respondi. — Podes apanhar um táxi. Na última paragem, apanhas uma moto e chegas ao centro. Ou até podes caminhar a partir do terminal, é perto.

— Está bem… mas podes acompanhar-me? Pago o táxi de ida e volta.

Aquilo, para mim, já começou mal. Eu tinha conhecimento sobre histórias de sequestros e tráfico humano, e embora a cidade fosse pequena e nunca tivesse havido relatos, não queria ser o primeiro caso. E pessoas com aparência atraente podiam muito bem ser usadas para aliciar vítimas.

— Não. Isso não vai acontecer.

— Por favor.

— Liga para alguém da família que te venha buscar.

— Por favor… é uma visita surpresa. Não estragues isso.

“Visita surpresa?” — pensei. Algo ali não estava certo.

— Não vai dar. Chama qualquer pessoa que esteja a passar aqui. Eu não posso ajudar.

— Moço, eu pago se for preciso.

— Isso só piora as coisas. Ninguém paga para ser guiado numa cidade pequena.

A conversa já estava a tornar-se desconfortável. A primeira impressão que tive dela começava a desmoronar.

Depois de mais algumas palavras, acabámos por trocar contactos para que eu a acompanhasse à distância. O acompanhamento foi feito por telefone: ela ligava, e eu ia orientando até chegar ao destino. Só desligou quando chegou à porta da casa onde ficaria hospedada.

Antes de entrar, disse:

— És muito desconfiado. Mesmo assim, obrigada pela ajuda. Foste um excelente guia.

— Não foi nada.

Aquele impacto inicial já tinha desaparecido completamente.

“Foi o calor do momento, nada mais”, pensei.

Cheguei em casa e a vida seguiu normalmente. Não pensava nela com frequência. E mesmo quando pensava, não havia qualquer sinal de que aquilo se tornaria uma amizade ou algo mais. Afinal, tudo o que aconteceu foi por necessidade do momento — ela só queria chegar a casa.

Em nenhum momento perguntou o meu nome, e eu também não dei iniciativa. Certamente não gravou o meu contacto. Eu, sim, gravei o dela.

Como não sabia o nome, criei um: “Estranha”.

O dia terminou. O seguinte chegou e terminou. Depois outro, e mais outro. Nenhum sinal dela.

Não é que eu estivesse à espera, mas, apesar daquela impressão inicial ter desaparecido, ainda assim esperava pelo menos uma mensagem simples: “Bom dia, a tua cidade é calma, estou a gostar da estadia.”

Mas nada. Silêncio absoluto.

E eu fui entrando nesse silêncio para acompanhar o silêncio dela… até deixar de pensar nisso.

Quando já não pensava mais, recebi uma mensagem:

— Olá! Provavelmente regresso amanhã à tarde. Gostaria de me despedir de ti. Yolanda.

Quase duas semanas tinham passado. O nome "Estranha" desapareceu automaticamente da minha mente e toda a história voltou de forma instantânea. Senti um arrepio. O frio voltou. Era uma mistura de susto e emoção.

"Yolanda… o nome dela é Yolanda. Que nome bonito."

— Está tudo bem? Já não estava à tua espera por aqui.

Na mensagem tentei parecer calmo, mas na verdade o meu coração estava acelerado.

— Eu não iria embora sem me despedir. Estive sem o telemóvel estes dias, ocupada com a família. Está tudo bem, obrigada.

— Muito bem, Yolanda.

Segundos depois, o telemóvel começou a tocar. Era ela.

"Não, Yolanda… estamos bem a falar por mensagem", pensei, em pânico.

Não estava preparado para atender. Não sei explicar porquê, mas a adrenalina só aumentava.

Respirei fundo e atendi:

— Yolanda…

— Amanhã, às 11h, na casa do meu tio. Combinado?

Perdi completamente o controlo. Engasguei-me e gaguejei:

— Ca… calma aí… em casa de quem?

— Relaxa. A minha família sabe que me ajudaste. Querem conhecer-te. Vamos almoçar lá e depois levo-te à estação.

Era mês de junho, época de cacimbo. Para suar nessa época, era preciso correr pelo menos dois quilómetros. Mas eu, parado, já estava a transpirar. Era muita pressão interna.

— Amanhã não sei se vou ter tempo… podemos despedir-nos por telefone mesmo.

Qualquer saída que me desse fuga parecia a melhor opção. Tudo podia ser possível para mim, menos ir à casa de uma "estranha", mesmo que ela já mexesse comigo.

— Vais ter tempo. Avisei com antecedência. Amanhã é domingo…

— Ah, lembrei! Não vou mesmo ter tempo. Domingo tenho uma saída de manhã e só estou livre às 15h.

— Não tens de ter medo. Sabemos que não vais a nenhum encontro. Eu espero-te. Almoçamos às 15h e às 18h viajo.

"Que merda… estou lixado", pensei.

Fiquei encurralado, e isso criou um silêncio na conversa.

— Alô… alô!

— Sim, Yolanda… perdão, eu estava aqui a…

— Estavas nada. Qual é mesmo o teu nome?

— Leví. Chamo-me Leví.

— Certo, Leví. Amanhã ligo às 14h e vamos conversando até chegares aqui.

— Não vai dar. Na verdade, eu não vou conseguir ir à casa do teu tio.

Não iria mesmo. Primeiro, não tinha roupa adequada para a ocasião. Além disso, não estava habituado a formalidades, e nem sabia que tipo de ambiente me esperava. Para evitar erros desnecessários, o melhor era não ir.

— Pelos vistos não vais mesmo, não é?

— Eu sinto muito — respondi.

— Não faz mal. Então vamos a um café.

A ideia era excelente. Pelo menos aí eu poderia vestir-me como quisesse. A questão agora era: qual café? Eu não conhecia nenhum.

— Está bem… vamos sim. Assim também te despedes antes de viajares.

— Perfeito, Leví. Bem, estão a precisar de mim aqui. Cuida-te. Até amanhã.

— Obrigado. Igualmente.

Chamada terminada.

Atirei o telemóvel sobre a mesa e pensei:

“Estou apaixonado por ela. Sim ou não? Se sim, por quê? Se não, por que me sinto assim?”

“Ela não fez nada que justificasse eu me apegar assim… então o que está a acontecer? Por que estou com medo?”

Peguei o telefone e liguei para o Dalton.

“Esse precisa saber do que está a acontecer… isto está muito esquisito”, pensei.

— E aí, mano?

— Tranquilo. E tu?

— Nas calmas.

— Estava para te ligar. Estás em casa?

— Estou em casa. E tu? Preciso de te contar uma cena.

— Estou a chegar aí.

— Perfeito.

Minutos depois, Dalton chegou. Ao contar-lhe o que estava a acontecer, a reação dele foi imediata:

— Ela tem quantos anos?

— Não sei… mas deve ser uns cinco anos mais velha.

— Tu não mudas, né? Olha, amanhã vais lá e deixa as coisas fluírem. O bom é que não vais à casa dela. Ela parece bem madura, mas tu estás em desvantagem… já estás com sentimentos. Porra, tu nem conheces bem a pessoa, mas eu entendo. Algumas mulheres têm esse poder: deixam um homem louco só de olhar.

— Ela é demais, mano… a voz dela, o corpo dela… já faz duas semanas, mas a imagem dela continua nítida na minha mente.

A conversa foi boa e serviu como um calmante.

No dia seguinte, fiquei à espera da ligação. No horário combinado, ela ligou, sugeriu o local e fui ter com ela.

Cheguei primeiro. Pedi um refrigerante e não demorou muito até ela chegar. Assim que me viu, disse:

— És pontual, rapaz.

Fixei os olhos nos dela. Por dois segundos, o mundo pareceu parar. Quando "acordei", suspirei e respondi:

— Sim… tem de ser. Compromisso é compromisso.

Ela aproximou-se de mim, com um tom calmo, olhando diretamente nos meus olhos, e disse:

— Não vais levantar para me cumprimentar?

Daí lembrei-me que tinha de me levantar, apertar a mão dela e dar um ou dois beijinhos, se necessário.

"Que merda", pensei.

Levantei-me e cumprimentei-a como deve ser, depois pedi-lhe que se sentasse.

Sentados, ela falava livremente. Percebi logo que tinha notado o meu desconforto e estava a conduzir a conversa de forma a me deixar mais à vontade. E funcionou.

Mesmo assim, eu não parava de a observar. Ela falava mais e eu menos. Contava sobre a estadia na casa do tio, o convívio com os primos, entre outras coisas. Eu apenas ouvia, às vezes sorria levemente e acenava com a cabeça, fingindo estar muito interessado — quando, na verdade, estava

mais interessado nela.

Até que um detalhe chamou a minha atenção e me fez interrompê-la:

— Espera um pouco… a conversa está ótima. Pede alguma coisa para comer ou beber.

— Estou bem, mas tu precisas de comer ou beber alguma coisa.

— Não, estou bem. Quando precisar, chamo a garçonete. Obrigada. Como estava a dizer…

— Hum… espera. Cadê a tua mala?

A pergunta saiu de forma espontânea, e a resposta dela foi ainda mais natural:

— Está em casa. Os meus tios não me deixaram viajar hoje, por causa da hora. Vou amanhã ou depois de amanhã.

— Já sabias disso ontem, enquanto falávamos, ou foi algo de última hora? Não pareces surpresa.

— Foi algo de última hora. Eu não me aborreço facilmente. Além disso, está a ser bom ficar aqui. Só estou com saudades da minha filha, que devia ter vindo comigo, mas por razões maiores teve de ficar.

— O quê?! Então és mãe?!

— Sou. Já devias saber.

— Como?!

— Pela fisionomia.

— A tua fisionomia não diz que és mãe… não parece. Então és casada? Estar aqui comigo não te traria problemas?

— Não está claro para ti que sou mais velha que tu? Acredito que aqui ninguém está a pensar que somos algo além de primos ou irmãos, por exemplo.

Essas palavras me machucaram, mas eu precisava continuar.

— Ham… certo. Tens razão. E…

— E não, não sou casada. Nunca fui. Mas vivi maritalmente por alguns meses apenas.

— Interessante.

— E tu? Não tens filhos com certeza. Fala-me de ti.

“Se eu mentir e isso vier à tona amanhã, serei descoberto. Se eu disser a verdade, posso perder tudo. Mas… lixa-se. Ela já tem filho mesmo. Se não quiser continuar a interação, paciência”, pensei.

Suspirei e respondi:

— Bem… eu moro com os meus irmãos, tenho pouco mais de 23 anos, não tenho filhos, vivo no subúrbio e quase não estudei… enfim…

— Como não estudaste? Falas muito bem e és inteligente.

— É… pela pouca experiência que tenho, percebo que a escola não garante inteligência. Frequentando ou não a academia, um indivíduo pode ser inteligente e dotado de conhecimento até ser confundido com um PhD.

— Concordo. Eu também não estudei tanto, nem terminei o ensino superior.

— Espero que concluas em breve.

— Por quê?

— Porque tens aparência de alguém que já se licenciou. Tens de terminar, para que não fiques só com a aparência.

— Está bem. Olha, ainda é cedo, e já que não vou viajar e te acho um bom guia, que tal seres o meu guia turístico?

Enquanto falava, acenava para a garçonete.

— Guia turístico? Esta cidade é pequena… e pelo tempo que estás aqui, já devias tê-la percorrido umas quatro vezes.

Sorrindo, ela respondeu:

— Não. Só saíamos para ir à fazenda e visitar outros parentes.

“A família tem fazenda… então não é uma qualquer. Até onde sei, fazenda é um conjunto de hectares de terra”, pensei.

A garçonete chegou. Ela pediu a conta. Eu tirei alguns trocados do bolso, mas ela disse:

— Não, não, não. És meu convidado. Eu pago.

Sorri ironicamente. Achei que fosse brincadeira — afinal, era apenas um refrigerante. Mas nenhuma mulher tinha pago algo para mim na vida. Foi marcante.

Ela pagou, e saímos.

Lá fora, percebi que teria de improvisar um “mapa turístico”. Não pensei muito. Levei-a à praia para vermos o mar. Ela adorou.

Depois da praia, fomos a um snack-bar conhecido da cidade. Por onde passávamos, chamávamos a atenção de quem estava ao redor.

Na conversa do café, nas entrelinhas, ela disse que talvez não

combinássemos, que parecíamos mais primos ou irmãos. Mas ao andarmos juntos, ambos percebemos o contrário: havia uma certa sintonia.

Ela, magra, pele clara. Eu, mais baixo, mais forte, pele mais escura.

Enquanto caminhávamos, eu pensava no que as pessoas poderiam estar a pensar ao nos ver:

“Esse ganhou na lotaria… essa mulher é muito bonita.”

O dia foi de passeio e muita conversa leve.

Dela, percebi algo claro: não era de uma família pobre e, provavelmente, poderia estar com qualquer homem… menos comigo.

Eu não tinha nada que explicasse aquela interação.

Ela era muito bonita, atraente, inteligente, vinha de uma família endinheirada e estava a poucos meses de se licenciar. Eu era apenas eu — nem o básico tinha terminado.

Embora muitos me considerassem inteligente, ao pé dela a diferença de níveis tornava-se evidente em tudo. Até o meu vocabulário parecia mais limitado.

Mesmo assim, aquele dia foi fantástico para mim. Não só por ter saído com aquela mulher, mas porque estava estampado no rosto dela que eu tinha dado sentido ao dia dela. No final, ela disse:

— Os meus primos não gostam de sair para passear. Só saem quando têm motivos que realmente lhes interessam, e passear não é um deles. Muito obrigada pelo dia de hoje, Leví. Se não fosse por ti, eu voltava sem viver estes momentos.

A viagem dela ficou para o dia seguinte, segunda-feira.

Depois daquela tarde maravilhosa, deixei-a perto de casa. Era uma casa

impressionante, e prefiro nem descrever aqui. Mas uma coisa é certa: fiz bem em ter recusado o convite para entrar.

Fui para casa. Falámos muito ao telefone naquela noite.

No dia seguinte, não pude acompanhá-la. Era segunda-feira e eu tinha obrigações a cumprir.

Ela viajou, e a comunicação entre nós foi-se intensificando a cada dia. Partilhávamos situações, problemas e ajudávamo-nos mutuamente. Parecíamos um casal.

Chegou um momento em que pensei em falar com ela sobre um possível relacionamento amoroso, mas antes precisava de entender algumas posições dela, para não fazer uma pergunta cuja resposta já fosse óbvia.

Um detalhe importante: desde o nosso primeiro encontro oficial no café, algo em mim mudou. Eu sentia isso — e o Dalton também dizia o mesmo. Ele até me pressionava em alguns momentos, sempre a perguntar o passo a passo de tudo.

— Já são oficialmente namorados? Cadê a foto dela? — dizia ele.

Depois de analisar tudo com calma — o que ela pensava sobre diferença de idade, relacionamentos onde um tem filhos e o outro não — percebi que estávamos muito alinhados.

E concluí:

“Esta é a mulher que eu criei nos meus sonhos acordados.”

Depois dessa conclusão, só faltava uma coisa: ter certeza. E a única forma era pedir-lhe em namoro.

Se ela aceitasse, era ela. Se não, não era.

Mas, de alguma forma, ela parecia até mais do que a mulher que eu tinha

imaginado.

“Tenho de tomar atitude. Ou ganho-a de vez, ou perco-a. Afinal, não sou de fazer amizades com mulheres”, pensei.

Também não sou de pedir namoro de forma muito séria. Decidi esperar o momento em que estivéssemos a conversar de forma leve.

“É isso”, pensei.

E foi.

Um dia desses, estávamos a conversar por mensagem sobre coisas banais. Aproveitei a ocasião e escrevi:

“Há muito tempo que já não te vejo como uma simples amiga. Vejo-te como amiga, companheira, namorada e…”

Ela respondeu rapidamente:

— E… conclui.

“Futura esposa”, respondi.

— Estás a falar a sério ou estás a brincar?

— Nunca falei tão a sério em toda a minha vida.

De seguida, ela disse que iria pensar no assunto. Mas, a partir daquele dia, algo mudou entre nós.

Ela já não me tratava apenas como amigo. Em algumas conversas, chamava-me de “amor”, e eu correspondia. Eu também fazia o mesmo, e ela respondia da mesma forma.

Sem perceber, tornámo-nos namorados — sem nunca existir um “sim” formal.

Mas ela tinha razão: em nenhum momento eu tinha pedido oficialmente em namoro. Apenas tinha manifestado a minha intenção.

E assim foi.

Continuávamos a falar diariamente, a namorar ao telefone, até que marcámos um encontro onde um de nós teria de viajar para estar com o outro. Um de nós viajou, e finalmente começámos uma relação mais real.

Uma relação simples, mas firme. Sem brigas relevantes, sem faltas de respeito, sem jogos desnecessários.

Era uma relação com diferenças claras entre nós — de realidade, de experiências, de níveis — mas essas diferenças nunca nos afastaram. Pelo contrário, tornaram-se complemento.

Ela trouxe organização, maturidade e visão. Eu trouxe leveza, criatividade e intensidade.

E, de alguma forma, isso encaixou.

Foi um relacionamento de respeito, crescimento e ajuda mútua. Muito melhor do que tudo o que eu tinha imaginado nos meus “sonhos acordados”.

Com o tempo, percebi uma coisa simples: nem tudo o que parece distante é inalcançável. Às vezes, a vida apenas espera que duas pessoas se encontrem no momento certo.

E naquele dia, naquele cruzamento, naquele “moço, moço…”, tudo começou.

Se pudesse resumir, diria que não foi sorte.

Foi encontro.

REFLEXÃO

(*Quando comecei acreditar no impossível*)

Um dia destes, deitado na cama, pus-me a pensar em tudo o que tinha vivido e no que estava a viver nesses últimos anos.

“Pensamentos realmente moldam a realidade. O que aconteceu e continua a acontecer na minha vida é a prova disso. Isto é incrível.”

“Eu antes ficava aqui a viver no imaginário, a aventurar-me numa vida inexistente… e, afinal, cada vez que fazia isso, a realidade parecia estar a ser transformada. E hoje tenho os resultados: os negócios, ela… ontem tinha tudo na mente, hoje tenho tudo nas mãos. O mundo é maravilhoso.”

“Será que mais alguém sabe disso? Lázaro, Dalton e outros… será que todos sabem disso?”

“Então, basta pensar para ter? Ou seja, só preciso parar, criar na mente e isso fará a vida trazer tudo até mim de forma natural, sem esforço?”

“Mas espera… se for assim, porque é que todos trabalham tanto?”

“Enfim, não vou entender tudo agora. Mas comigo, pelo menos, está a funcionar.”

“Não sei o que é isso, nem que nome dar a isto… mas Deus é maravilhoso. O mundo é maravilhoso. A vida é maravilhosa.”

“Preciso continuar a praticar isto: parar, pensar, sem forçar, sem ansiedade. Porque foi assim que grandes coisas aconteceram.”

“Que bom… com isso serei capaz de criar e sair de qualquer situação ou problema.”

“Mas espera… se posso criar coisas boas ao pensar coisas boas, então também posso criar coisas ruins ao pensar coisas ruins.”

“Hum… ok. Está explicado.”

“Os pensamentos atraem. O impossível pode tornar-se possível.”

“Daí a importância de prestar atenção a cada pensamento. Porque o que se tem na mente, pode-se ter nas mãos.”

Fim.